



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA DE LETRAS COM A LÍNGUA INGLESA
SOCIOLOGIA
Professor: Antônio Lima da Conceição

JOÃO BOSCO DA SILVA
(*prof.bosco.uefs@gmail.com*)

O ILUMINISMO – A FILOSOFIA DAS LUZES

FEIRA DE SANTANA
2007

1. Origem:

O século XVIII conheceu várias revoluções. A Revolução Industrial, a Revolução Francesa e também a Revolução Intelectual. O auge da Revolução Intelectual em filosofia deu com o Iluminismo, também chamado de “Ilustração” ou “Filosofia das Luzes”.

Esse movimento surgiu na França do século XVII e defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. Segundo os filósofos iluministas, esta forma de pensamento tinha o propósito de iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade.

O Iluminismo, ou esclarecimento foi ao mesmo tempo um movimento e uma revolta intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado "século das luzes") que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo.

Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos, criticando o absolutismo

As origens do iluminismo podem ser encontradas na chamada "revolução científica" do século XVII. Nessa época ocorreu um grande progresso na filosofia e na ciência (Física, Matemática, Química e Mecânica) Foram precursores do movimento iluminista: René Descartes, Isaac Newton e John Lock.

O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do Homem e da Razão. Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé.

Na Europa do século XVIII esse movimento alcançou a sua maior expressão, quando as idéias dos filósofos, críticos do Antigo Regime, combinaram com os propósitos da burguesia em ascensão. Sintonizados com o novo momento sócio-político das Forças de Transformação, esses homens, prepararam o terreno para o movimento revolucionário burguês.

E se o Iluminismo teve algum mau resultado, foi sem dúvida o desenvolvimento exagerado do individualismo.

Defendia um sistema constitucional; igualdade jurídica e o liberalismo.

2. O que combatia:

Esse movimento rapidamente foi sendo difundido pelo norte da Europa, condenando o Antigo Regime e combatendo assim:

- ✓ O absolutismo monárquico: que era considerado um sistema injusto, por impedir a participação burguesa nas decisões políticas e impedir a realização de seus ideais;
- ✓ O mercantilismo: que impedia a livre iniciativa e o desenvolvimento espontâneo do capitalismo e,

✓ O poder da igreja, pois esse poder baseava-se em verdades reveladas pela fé. Isso se chocava com a autonomia intelectual defendida pelo racionalismo iluminista.

Entre os colaboradores da Enciclopédia existia um pequeno grupo dedicado à nascente ciência econômica. Eram os fisiocratas, que lançaram os fundamentos da economia como ciência. Acreditavam que a atividade econômica, assim como as demais atividades humanas, estava submetida a leis naturais.

A lei da oferta e da procura (a lei do mercado), por exemplo, deveria predominar na economia dos diversos países. Dessa forma, a política mercantilista com sua regulamentação de preços, salários e monopólios pelos governos, passou a ser criticada.

3. A base das idéias:

As suas idéias tinham por base o racionalismo (a razão humana) como fonte do conhecimento. Os Iluministas sonhavam com um mundo perfeito, regido pelos princípios da razão, sem guerras e sem injustiças sociais, onde todos pudessem expressar livremente seu pensamento. Visto pelos intelectuais como um movimento que iluminava a capacidade humana de criticar e almejar um mundo melhor, transformou o século XVII no Século das Luzes.

Os iluministas teorizavam sobre um mundo novo que correspondia ao início da Revolução Industrial e que seria completado com a Revolução Francesa. As raízes do Iluminismo estão no progresso científico advindo do Renascimento. Esse movimento repercutiu sobre todo o mundo.

A principal característica das idéias iluministas, era a explicação racional para todas as questões que envolviam a sociedade. Em suas teorias, alguns pensadores iluministas, como filósofos e juristas, preocuparam-se com as questões políticas, sociais e religiosas, enquanto outros, como os economistas, procuraram uma maneira de aumentar a riqueza das nações. De modo geral, esses pensadores defendiam a liberdade, a justiça, a igualdade social e Estados com divisão de poderes e governos representativos.

Acreditavam que esses elementos eram essenciais para uma sociedade mais equilibrada e para a felicidade do homem.

Antes mesmo de influenciar a Revolução Francesa, que estava por vir, teve influências sobre a Revolução Americana, que resultou na formação dos Estados Unidos.

Os pensadores que defendiam estes ideais acreditavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante substituindo as crenças religiosas e o misticismo, que, segundo eles, bloqueavam a evolução do homem. O homem deveria ser o centro e passar a buscar respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé.

Para os filósofos iluministas, o homem era naturalmente bom, porém, era corrompido pela sociedade com o passar do tempo. Eles acreditavam que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, a felicidade comum seria alcançada. Por esta razão, eles eram contra as imposições de caráter religioso, as práticas mercantilistas, o absolutismo do rei e os privilégios dados a nobreza e ao clero.

Immanuel Kant, ele próprio um expoente da filosofia desta época, definiu o Iluminismo assim: "*O Iluminismo é a saída do ser humano do estado de não-emancipação em que ele próprio se colocou. Não-emancipação é a incapacidade de fazer uso de sua razão sem recorrer a outros. Tem-se culpa própria na não-emancipação quando ela não advém de falta da razão, mas da falta de decisão e coragem de usar a razão sem as instruções de outrem. Sapere aude! (ouse saber!)*"

Segundo os iluministas, cada pessoa deveria pensar por si própria, e não se deixar levar por outras ideologias impostas, que eram forçadas a seguir. Pregavam uma sociedade "livre", com possibilidades de transição de classes e mais oportunidades iguais para todos. Economicamente, achavam que era da terra e da natureza que deveriam ser extraídas as riquezas dos países. Segundo Adam Smith, cada indivíduo deveria procurar lucro próprio sem escrúpulos, o que, em sua visão, geraria um bem-estar-geral na civilização.

4. Influências:

O Iluminismo foi mais intenso na França, influenciando a Revolução Francesa através de seu lema: Liberdade, igualdade e fraternidade. A Revolução Francesa é um dos movimentos onde podemos encontrar a influência iluminista. O racionalismo iluminista ajudou a quebrar os grilhões da tirania política e a enfraquecer o poder dos padres sem consciência.

Teve influência em outros movimentos sociais, como na independência das colônias inglesas na América do Norte e na Inconfidência Mineira, ocorrida no Brasil.

Também foi influente nas zonas onde o catolicismo foi menos intenso. É no Reino Unido que figuras como John Locke, David Hume, Edward Gibbon ou Adam Smith dispõem da liberdade de expressão que lhes permite desenvolver o seu pensamento, sem o controle que a igreja católica exercia nas sociedades espanhola ou portuguesa da época.

Nas colônias americanas, o iluminismo está intrinsecamente ligado à independência americana. Americanos que incorporaram o espírito desta época foram entre outros Thomas Jefferson e Benjamin Franklin.

Na Alemanha, (então Prússia), possivelmente a figura mais representativa do iluminismo é Immanuel Kant. Mas também Moses Mendelssohn e Gotthold Ephraim Lessing são nomes de destaque.

Em Portugal, uma figura marcante desta época foi o Marquês de Pombal. Tendo sido embaixador em Londres durante 7 anos (1738-1745), o futuro primeiro-ministro de Portugal ali terá recolhido as referências que marcaram a sua orientação como primeiro responsável político em Portugal. O Marquês de Pombal é um marco na história portuguesa, contrariando o legado histórico feudal e tentando por todos os meios aproximar Portugal do modelo da sociedade inglesa. Entretanto, Portugal mostrou-se por vezes hostil à influência daqueles que em Portugal se chamou pejorativamente de estrangeirados, fato pretensamente relacionado à influência Católica. Também, ao longo

do século XVIII, o ambiente cultural português permaneceu pouco dinâmico, fato nada surpreendente num país onde mais de 80% da população era analfabeta.

5. Principais interessados:

Os burgueses foram os principais interessados nesta filosofia, pois, apesar do dinheiro que possuíam, eles não tinham poder em questões políticas devido a sua forma participação limitada. Naquele período, o Antigo Regime ainda vigorava na França, e, nesta forma de governo, o rei detinha todos os poderes. Uma outra forma de impedimento aos burgueses eram as práticas mercantilistas, onde, o governo interferia ainda nas questões econômicas.

6. Divisão da sociedade:

No Antigo Regime, a sociedade era dividida da seguinte forma:

- ✓ Em primeiro lugar vinha o clero;
- ✓ em segundo a nobreza; e
- ✓ em terceiro lugar a burguesia e os trabalhadores da cidade e do campo.

Com o fim do poder do clero e da nobreza, os burgueses tiveram liberdade comercial para ampliar significativamente seus negócios, uma vez que, com o fim do absolutismo, foram tirados certos privilégios, bem como as práticas mercantilistas, que impediam a expansão comercial para a classe burguesa.

7. Os pensamentos dos filósofos:

Os principais filósofos do Iluminismo foram:

1. John Locke (1632-1704): o homem adquiria conhecimento com o passar do tempo através do empirismo;
2. Voltaire (1694-1778): defendia a liberdade de pensamento, e não poupava crítica a intolerância religiosa;
3. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): defendia a idéia de um estado democrático que garanta igualdade para todos;
4. Montesquieu (1689-1755): defendeu a divisão do poder político em: Legislativo, Executivo e Judiciário;
5. Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alambert (1717-1783): juntos organizaram uma enciclopédia que reunia conhecimentos e pensamentos filosóficos da época.

8. Fim da influência religiosa:

Algumas das maiores figuras do iluminismo tiveram seus livros proibidos pela visão cristã ortodoxa, como David Hume, John Locke e Immanuel Kant.

A influência da religião católica na Inglaterra fora definitivamente afastada do poder em 1688, com a Revolução Gloriosa. Desde então nenhum católico voltaria a subir ao trono, embora a Igreja da Inglaterra tenha permanecido bastante próxima do Catolicismo em termos doutrinários e de organização interna.

Na França, país de tradição católica mas onde as correntes protestantes, nomeadamente os huguenotes, também desempenharam um papel dinamizador, há uma

tensão crescente entre as estruturas políticas conservadoras e os pensadores iluministas. Rousseau, por exemplo, originário de uma família huguenote e um contribuidor da Encyclopédie, foi perseguido e obrigado a exilar-se na Inglaterra.

Este conflito entre uma sociedade feudal e católica, e as novas forças de pendor protestante e mercantil, acabará por culminar na Revolução Francesa.

9. Principais pensadores Iluministas:

a) No campo do liberalismo social foram: Voltaire, Montesquieu e Rosseau.

i) Voltaire (François-Marie Arouet) - 1694-1778:

Simboliza o Esclarecimento mais ou menos como Lutero simboliza a Reforma; e Leonardo da Vinci, a Renascença Italiana.

É mais conhecido como um campeão da liberdade individual. Considerava como bárbaras todas as restrições à liberdade de expressão e de opinião, expressando com a famosa frase: *“Não concordo com uma única palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo”*.

Odiava a tirania da religião organizada, contra a crueldade da igreja em torturar e queimar homens inteligentes que se atreveram a por em dúvida os seus dogmas. Defendia a liberdade de religião e de pensamento, bem como a igualdade perante a lei.

A burguesia francesa simpatizava com suas idéias, pois estas se adequavam às suas necessidades. Crítico dos privilégios de classe, foi apelidado de o "filósofo burguês". Ele não defendia o direito das camadas populares, por achar que eram inferiores.

Julgava que os países atrasados deveriam ter um governo absolutista esclarecido, e os mais avançados um governo republicano e liberal. Em consequência de um dos seus panfletos, ridicularizando nobres e funcionários pomposos, foi encarcerado na Bastilha e depois exilado para a Inglaterra, onde permaneceu por três anos e escreveu sua primeira obra filosófica: *“Cartas Inglesas”*, onde divulgava as idéias de Newton e de Locke, aos quais ele passara a considerar como dois dos maiores gênios que já tinham existido.

ii) Montesquieu (Charles Louis de Secondat) - 1689-1755:

Foi um grande escritor francês e suas teorias políticas sugeriam que os grandes países deveriam adotar o despotismo esclarecido, os médios, a monarquia constitucional, e os pequenos, a república.

Em seu livro, *“O Espírito das Leis”* (1748), criticou os costumes de seu tempo, ficando muito conhecido pela sua “doutrina dos três poderes” que defendia, como meio para garantir a liberdade, a divisão do poder político em três partes: Legislativo, Executivo e Judiciário: *“É uma verdade eterna: qualquer pessoa que tenha o poder, tende a abusar dele. Para que não haja abuso, é preciso organizar as coisas de maneira que o poder seja contido pelo poder”*.

Essa obra inspirou os redatores da Constituição de 1791 e tornou-se a fonte das doutrinas constitucionais liberais, que repousam na separação dos poderes legislativo, executivo e judiciário.

Assim como Voltaire, ele também não defendia as populações mais pobres. Na verdade, esses pensadores eram coerentes, pois defendiam somente os interesses da nova classe social que despontava como revolucionária: a burguesia liberal.

iii) Jean-Jacques Rousseau (1712-1778):

O único pensador que talvez tenha se aproximado dos anseios populares. Defendia a idéia de soberania popular, isto é, a vontade coletiva deve se impor sobre a vontade individual. Criticava o individualismo burguês antes mesmo que a burguesia estivesse no poder. Era conhecido como o pai do romantismo, e seria assombroso se ele tivesse defendido as teorias racionalistas. Afirmava que adorar a razão como guia infalível da conduta e da verdade é agarrar-se a um caniço quebrado, apesar de que a razão tem a sua utilidade, mas não vale como resposta completa.

No seu estudo “*Discurso sobre a Origem e Fundamentos das Desigualdades entre os Homens*”, Rousseau argumenta que todos os males da civilização são originados da propriedade privada, que determinou as diferenças sociais e o surgimento de dominadores e dominados. Para superar esta dominação, ele propunha um *contrato social*, que deveria ser elaborado por toda a comunidade e não por indivíduos isolados.

A soberania reside no povo; a vontade individual não é importante, mas sim a vontade da maioria, que deveria ser expressa através do voto. O contrato social iria garantir a igualdade de todos. Para Rousseau, o homem que pensa é um animal depravado.

Suas obras influenciaram os homens de sua época e foram fontes de consulta dos pensadores futuros. *Emílio e Nova Heloísa* forneceram as diretrizes da pedagogia moderna e o *Contrato Social, os fundamentos do governo democrático*.

É possível estabelecer com simplicidade o núcleo da idéia do contrato social: cada um de nós coloca sua pessoa e autoridade sob a direção suprema da vontade geral; e o grupo recebe cada indivíduo, como uma parte indivisível do todo (...).

A fim de que o contrato social não seja apenas uma fórmula vazia, todos precisam compreender que todo indivíduo que se recusa a obedecer à vontade geral deve ser forçado por seus companheiros a fazê-lo. É uma maneira de dizer que pode ser necessário forçar um homem a ser livre, sendo neste caso a liberdade, a obediência à vontade de todos.

b) No campo econômico: Quesnay e Smith:

i) François Quesnay (1694-1774):

Líder entre os fisiocratas, médico e economista francês que atacava a intervenção do Estado na economia e defendia a liberdade de comprar e vender onde cada um achasse mais conveniente. O lema dos fisiocratas que ficou famoso: “*Laissez faire, Laissez passer*”, atendia perfeitamente às necessidades da burguesia, desejosa de afastar o controle do Estado sobre a economia. Para *Quesnay*, apenas a terra era a verdadeira produtora de riqueza; o comércio era considerado estéril, pois consistia na mera transferência de mercadorias e não gerava riquezas.

Que o soberano e a nação nunca percam de vista que a terra é a última fonte de riquezas e que o agricultor que as multiplica (...);

Que a propriedade fundiária e as riquezas mobiliárias sejam asseguradas aos possuidores legítimos, pois a segurança da propriedade é o fundamento essencial da ordem econômica da sociedade (...);

Que uma nação que tem um grande território a cultivar e a facilidade de exercer um grande comércio dos gêneros agrícolas não alargue demasiadamente o emprego do dinheiro e dos homens às manufaturas e ao comércio de luxo, em prejuízo dos trabalhos e das despesas da agricultura; pois, preferentemente a tudo, o reino deve ser bem povoado de ricos cultivadores (...);

Que se favoreça a multiplicação dos gados, pois são eles que fornecem às terras o estrume que produz ricas colheitas (...);

Que cada um seja livre de cultivar no seu campo as produções que o seu interesse, as suas faculdades e a natureza do terreno lhe sugiram para obter maior produção possível (...);

Que se mantenha a mais inteira liberdade de comércio (...).

ii) Adam Smith (1723-1790):

Economista escocês, diz que o trabalho de uma nação é a principal fonte geradora dos bens que necessita a comunidade. O aumento da produtividade do trabalho depende de sua divisão, que repousa essencialmente, na propensão que tem a natureza humana para trocar uma coisa por outra. A acumulação de capital funciona como uma das condições prévias dessa divisão. Quanto à noção do valor, surgiu como troca de mercadorias. O termo valor apresenta dois significados, o de utilidade e o de poder de compra, sendo o primeiro valor de uso, e o segundo valor de troca. O trabalho seria a medida do valor de todas as mercadorias. Estudando o problema do preço, concluiu o economista que as rendas, os salários e os lucros são meros componentes da renda.

No que se refere à acumulação capitalista, divide o capital em fixo e circulante. O primeiro consiste, principalmente, em máquinas, edifícios, implementos agrícolas, enquanto o segundo compreende o dinheiro, as matérias-primas e as mercadorias acabadas, ainda em mãos do industrial ou do comerciante. Analisando a estrutura da sociedade capitalista, Adam Smith chegou a extraordinária conclusão, para a sua época, da divisão da sociedade em três classes fundamentais da sociedade capitalista: o operariado, os capitalistas e os proprietários de terras.

É famosa sua metáfora da mão invisível: *“...de modo geral, ninguém se propõe promover o interesse público, nem sabe até que ponto o promove; pensa apenas em seu próprio ganho, mas, agindo desse modo, é levado por uma mão invisível a promover um fim que não estava em suas intenções. Logicamente, tal atitude leva a contemplar com circunspeção a ingerência do Estado na atividade econômica”*.

Adam Smith representa não apenas um ponto de partida na Ciência Econômica, mas também a afirmação de muitas questões de sua perene importância perene na mesma.

10. O liberalismo político:

1. Os governos só existem para atender os cidadãos. Devem ser mudados caso não cumpram seus deveres.

2. Os governos também são submetidos à lei: obedecem à Constituição.

3. Os governos devem ser representativos, isto é, exercidos por pessoas escolhidas pelo voto dos cidadãos.

4. O governo não tem o direito de interferir na vida privada de um cidadão que cumpre a lei.

Os liberais da Escola inglesa do liberalismo.

- Defendiam as leis naturais da economia.
- Valorizavam o comércio e a indústria.
- Mão invisível na economia.
- Representantes: Adam Smith e David Ricardo.

O Liberalismo foi a doutrina econômica que possibilitou o desenvolvimento do Modo de Produção Capitalista.

As suas teses fundamentais são:

- a) livre concorrência e livre cambismo;
- b) defesa da propriedade privada;
- c) liberdade de contrato;
- d) combate ao intervencionismo estatal;
- e) divisão internacional do trabalho (DIT);

Os Fisiocratas da Escola francesa do Liberalismo.

- Defendiam o poder da natureza.
- Valorizavam a agricultura.
- Laissez-faire, laissez- passer;
- Representantes: Quesnay e Turgot.

11. Divulgação em massa:

A divulgação maciça das idéias iluministas para a sociedade em geral foi feita da seguinte forma:

i) A imprensa e o panfleto

Apoiaram-se também os iluministas na imprensa. Editou-se muito no século XVIII. A tal ponto que o filósofo Hegel disse que a leitura diária do jornal "era a oração do homem moderno". Somente na América do Norte daquele século, estima-se me mais de dois mil títulos de jornais tenham vindo à luz. Mas o panfleto foi o veículo soberano da comunicação no Século das Luzes. Infelizmente perdeu-se a maior parte deles, mas Voltaire esgrimia com eles utilizando-os em suas célebres campanhas (pela introdução do teatro em Genebra ou em defesa da família Calais e no affair Sirven). Eram de baixo custo, fáceis de serem transportados e escondidos, e geralmente eram escritos em linguagem sintética e objetiva, que depois veio a ser a escrita comum de quase toda a imprensa moderna. Era também uma publicação democrática, pois atingia tanto o salão do aristocrata, como a taverna operária e o café do literato.

ii) Salões e clubes

Ainda para a elite pensante, formada difusamente por nobres liberais, padres dissidentes e livres-pensadores da mais variada procedência, foi importantíssimo os encontros realizados nos salões, geralmente organizados ao redor de uma grande dama.

Os mais afamados salões foram os das Madames Deshoulières e Sablière, da condessa la Suze e o da lendária Ninon de Lanclos, verdadeiros oásis de tolerância e espírito irreverente, acolhendo em seu meio os ateus, deístas e libertinos. O constante

intercâmbio entre seus freqüentadores, as leituras proibidas que realizavam em público, a troca de livros e idéias fizeram dos salões um celebrado agente do Iluminismo. O salão de Madame. d'Epinau foi um dos que se tornou cenário para o lançamento de originais literários (e inclusive musicais) que eram submetidos previamente aos "árbitros das artes", que atuavam como um espécie de "porta-vozes do público", perante o qual os autores ou compositores tinham por primeiro que legitimar-se.

Os clubes masculinos e as associações profissionais igualmente tornaram-se pontos de apoio importantes para propiciar o debate sobre as tendências do momento, formando, junto com a imprensa, o que se chamou de "esfera pública literária."

iii) As lojas maçônicas

Acima de tudo, em importância para a história da difusão das idéias, pairaram as lojas maçônicas (a importância delas era tamanha que, já no século XVII, o filósofo Leibniz considerava a sociedade civil como um simples prolongamento delas) tornaram-se focos de ativismo político, de troca de panfletos e de elaboração de estratégias de combate na luta contra a superstição e o obscurantismo. Mirabeau, quando militava como um "irmão", redigiu um programa para a sua loja cuja finalidade "era a introdução da razão, da sensatez, da sã filosofia na educação de todas as ordens de homens."(Memoire, 1776). Schiller escreveu um belo poema (Freude) para ser cantado numa loja maçônica freqüentada por um amigo seu, e Mozart compôs a Zauberflöte, 1791, a Flauta Mágica para atender uma encomenda de uma loja austríaca.

iv) O tabernáculo de Frederico e o despotismo ilustrado

Algumas cortes européias serviram por igual de abrigo aos iluministas. Especialmente conhecido foi o Tabernáculo que Frederico o Grande, da Prússia, montou na sua propriedade, em Saint-Soucy, convidando para lá uma elite de livres-pensadores. Lá estiveram o naturalista Maupertuis, La Mettrie, o perseguido autor do "Homem máquina" e o mais famosos de todos, Voltaire. Catarina II da Rússia tentou o mesmo com Diderot e José II da Áustria celebrou-se em proteger os pensadores do furor da Igreja Católica.

Os reis apoiaram os livres-pensadores na medida em que podiam servir-se deles para reformar os estados antes que uma possível revolução explodisse. E também faziam questão de protegê-los para fins publicitários, para terem uma boa imagem junto às classes culturais e refinadas da Europa de então. Por isso se entende que em matéria de política a maioria dos iluministas seguiu a Doutrina do Dr. Johnson, favorável ao despotismo ilustrado. Porém, historicamente, a agitação e a insubordinação aos costumes e a crítica à religião que abertamente a maioria deles praticou, fez com que, ironicamente, os iluministas fossem tidos como os arautos (mensageiros) da democracia moderna.

v) Os cafés

Mais democráticos do que os salões (que reuniam a nobreza e a elite pensante), os clubes (que congregavam os profissionais) e as lojas (dos maçons), foram também importantíssimos os cafés. Espalhados pelas cidades e pelas principais capitais da Europa e mesmo da Nova Inglaterra, esses estabelecimentos eram os salões das classes médias, dos jornalistas e dos escritores iniciantes, abrigo da efervescência e a inquietação

provocada pelas novas idéias. Em Paris, um dos mais famosos foi o La Coupole, o favorito de Voltaire, e em Milão, atraíram as presença de nobres como Cesare Beccaria e dos irmãos Pietro e Alessandro Verri, que inclusive lançaram um periódico com o título de "Il Caffè", para defender a tese da abolição da tortura. No jogo dos símbolos importa observar que a Era da Taberna, associada ao álcool e à embriaguez, que dominou inteiramente o século anterior, o XVII, deu lugar no século XVIII à Era dos Cafés, estimuladora do espírito e da palavra ágil, contestadora.

12. A opinião pública

Numa conhecida tese (Mudança estrutural da esfera pública) defendida em 1961, o filósofo Jürgen Habermas mostrou que o conceito de "opinião pública", tal como hoje se conhece, nasceu no século XVIII. Comprova-se isso, segundo ele, pelo fato de que a palavra publicit  ( ffentlich em alemão) começou a ser empregada, contraposta   autoridade, a partir daquela época (resultante da dilata o da sociedade civil que, com a prolifera o dos salões, dos clubes, dos cafés, das livrarias e das lojas ma onicas, criou um espaço de emancipa o para os burgueses), abria seu caminho devido   expansão comercial e industrial, e   crescente amplitude da mercantiliza o das coisas.

O seu surgimento deveu-se, substancialmente, ao crescimento da vida urbana, ao aumento do número dos leitores, e ao impacto causado pela revolu o da sociedade civil inglesa do século XVII.

13. College Christ:

Locke, o grande filósofo patriarca do Iluminismo, quando galgou para a dire o do College Christ em Oxford, colocou a Law of Opinion, a Lei da Opinião, como que equivalente   lei divina. Dessa forma, além da opinião da corte e da opinião do clero, predominantes e absolutas nos tempos feudais, forjou-se a opinião pública como representante ainda que difusa dos interesses gerais do Terceiro Estado e, por vezes, da sociedade como um todo. Inegavelmente a "opinião pública" mostrou-se cada vez mais permeável às idéias do Iluminismo, por todas as razões expostas acima.

Quanto ao povo em geral, grande parte ainda analfabeto, era atingido, e por vezes mobilizado, pela propaganda das luzes graças aos affriches (panfletos) que eram distribuídos ou lidos em voz alta nos lugares públicos.

14. A Enciclopédia

O mais poderoso e duradouro de todos os instrumentos para a divulga o das Luzes - obra magna da propaganda iluminista - foi a edi o da Enciclopédia, ou Dictionaire raisonné des sciences, des arts, et des m tiers, dirigida por Jean Le Rond d'Alembert (entre 1751-54) e, em seguida, por Denis Diderot.

Grandiosa publica o que se seguiu por vinte anos, até que, em 1772, o seu 17  volume encerrou a obra inteira. Fazendo com que, segundo Daniel Mornet, o século XVIII fosse "com toda a certeza....um século enciclopédico". Acertada sua impressão por meio de subscri oes, a Enciclopédia ultrapassou largamente os seus 8.011 assinantes originais, virando leitura obrigatória entre os homens cultos do século. Foi uma obra consultada por uma quantidade inumerável de leitores por toda Europa e América incluída.

Tratou-se de uma estupenda síntese do conhecimento científico, com grande ênfase nas artes mecânicas e na sabedoria prática das coisas da vida, servindo de modelo para todas as demais que a seguiram posteriormente. A predominância e gosto por temas seculares e o alto nível dos seus colaboradores - Diderot selecionou o supra sumo da elite intelectual dizendo: "É preciso examinar tudo, remexer tudo sem exceção e sem reserva" - fez da Enciclopédia o acontecimento editorial e intelectual do século.

Entre os grandes nome arrebanhados por ele estavam Montesquieu (Leis), Lamarck (botânica), Helvetius (matemática), Rousseau (música), Buffon, Necker, Turgot, Mongez, além de artigos do barão d'Holbach, um ateu militante, e Voltaire (encarregado dos verbetes sobre Elegância, História, Espírito e Imaginação), num total de 139 colaboradores identificados. Talvez ela tivesse para o mundo burguês e industrial que então despontava, o mesmo significado que a Suma Teológica de São Tomás de Aquino teve para a Europa medieval.

A Encyclopédie, pretendia ser uma suma completa dos conhecimentos filosóficos e científicos da época. Colaboraram com este conjunto de livros mais de trezentos pensadores. A tônica da obra era o anticlericalismo, o materialismo e principalmente o liberalismo político. Por isso era contrário às monarquias absolutistas e à Igreja. No entanto que foi proibida pelas autoridades e passou a circular clandestinamente. Os iluministas sonhavam, enfim, com um mundo onde houvesse colaboração entre os homens para alcançar a felicidade comum.

i) Denis Diderot (1713-1784), filósofo francês:

Assumiu a direção, apesar de inúmeras dificuldades, até a sua conclusão. Afirmava que *“os homens jamais serão livres enquanto não seja estrangulado o último rei com as tripas do último padre”*. Diderot escreveu um artigo na Enciclopédia, no qual coloca críticas ao absolutismo e defende um poder vindo do consentimento do povo.

Nenhum homem recebeu da natureza o direito de comandar os outros. A liberdade é um presente do céu, e cada indivíduo da mesma espécie tem o direito de gozar dela logo que goze da razão (...);

Toda outra autoridade (que a paterna) vem duma origem, que não é a natureza. Examinando-a bem, sempre se fará remontar a uma destas duas fontes: ou a força e a violência daquele que dela apoderou; ou o consentimento daqueles que lhe são submetidos, por um contrato celebrado ou suposto entre eles e aquele a quem deferiram a autoridade. O poder que se adquire pela violência não é mais que uma usurpação e não dura senão pelo tempo em que a força daquele que comanda prevalece sobre a daqueles que obedecem (...)

O poder que vem do consentimento dos povos supõe necessariamente condições que tornem o seu uso legítimo útil à sociedade, vantajoso para a república, e que o fixem e restrinjam entre limites; pois o homem não pode nem deve dar-se inteiramente e sem reserva a outro homem, porque há um Senhor superior acima de tudo, ao qual somente ele pertence por inteiro.

ii) Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783):

Escritor, filósofo e matemático francês. Cético em religião e meta-física, defensor da tolerância, expôs, no Discours préliminaire de l'Encyclopédie, a filosofia natural e o espírito científico que presidiu à elaboração dessa obra. Membro da Academia de

Ciências, deixou os Elogios acadêmicos e trabalhos de matemática sobre as equações diferenciais e a mecânica. Sua obra básica é o Tratado de dinâmica (1743).

Para d'Alembert a garantia única de progresso residia no esclarecimento universal. Sustentava, por isso, que as verdades da razão e da ciência deviam ser ensinadas às massas, na esperança de que um dia o mundo inteiro pudesse libertar-se do obscurantismo e da tirania.

15. O Despotismo Esclarecido:

Os governantes absolutistas de alguns países europeus adotaram certos princípios iluministas, promovendo em seus Estados uma série de reformas nos campos social e econômico. Esses governantes ficaram conhecidos como déspotas esclarecidos. De modo geral, a palavra déspota refere-se a ditador, mas ao mencionarmos déspotas esclarecidos, estamos nos referindo aos monarcas absolutistas que se mostraram receptivos a certos princípios iluministas.

Essa reforma se deu principalmente no campo da educação, com incentivo à educação pública através da construção de escolas, do apoio a academias literárias e científicas e da divulgação de textos eruditos.

E no campo referente a tributações, com o aperfeiçoamento do sistema de arrecadação tributária, procurando tornar menos opressiva a carga de tributos cobrados das classes populares.

Os principais déspotas esclarecidos foram:

i) Catarina II “A grande” (1762-1796), da Rússia:

Modernizou a cidade de Petersburgo, que o monarca Pedro, O Grande construiu, com um plano de modernização para a Rússia. Ela deu continuidade a obra de Pedro, mas reprimiu todos os movimentos camponeses de caráter reivindicatório.

ii) José II (1741-1790), da Áustria:

José II tentou modernizar a Áustria através de uma reforma agrária, diminuiu o poder da igreja católica, confiscando suas terras; mas essa reforma acabou sendo frustrada pela resistência dos nobres proprietários.

iii) Frederico II (1712-1786), da Prússia:

Frederico II construiu escolas de ensino elementar e estimulou o desenvolvimento industrial e agrário, dando assim continuidade as reformas de Frederico I que se fortaleceu e ganhou prestígio graças às medidas reformistas adotadas em relação à educação e política exterior.

iv) Carlos III (1716-1788), da Espanha:

Carlos III iniciou uma série de reformas administrativas, financeiras e fiscais para dar novo alento à economia. Além disso, combateu o poder excessivo da Igreja Católica, suprimiu a Inquisição e expulsou os jesuítas.

v) Marquês de Pombal (1750-1777) Sebastião José de Carvalho e Melo:

Nasceu em Portugal e foi um dos mais importantes ministros do rei José I, colocou em prática medidas que reforçaram o setor comercial, instituindo as companhias comerciais monopolistas, subsidiando manufaturas numa tentativa rudimentar de instaurar a industrialização de Portugal. Pombal também expulsou os jesuítas do reino e expropriou os bens da Companhia de Jesus.

REFERÊNCIAS:

- ✓ HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL: Do Homem das Cavernas Até a Bomba Atômica . BURNS, Edward McNall – Tradução de Lourival Gomes Machado; Lourdes Santos Machado e; Leonel Vallandro. 2ª Edição. 3ª Impressão revista e atualizada de acordo com a 4ª edição norte-americana. — Volume I; Editora Globo, Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo, 1964.
- ✓ JOHN LOCKE: Vida, Época, Filosofia e Obras de John Locke COBRA, Rubem Q. / Locke. www.geocities.com/filmod/rc-locke.html, Geocities, Internet, 1998. Acesso em 12/03/2007
- ✓ ADAM SMITH: Liberalismo Econômico.
http://economista.hpg.com.br/Geral/4/interna_hpg2.html Acesso em 12/03/2007
- ✓ DESPOTISMO ESCLARECIDO:
<http://orbita.starmedia.com/~mafia137/despotismoesclarecido.htm> Acesso em 12/03/2007